

## Nietzsche, o Antiasno *Par Excellence* Sobre uma Interpretação de Jörg Salaquarda

Scarlett Marton\*

**Resumo:** Trata-se de apresentar ao público brasileiro o trabalho de Jörg Salaquarda, tomando como ilustração seu artigo "Zaratustra e o asno". Através do exame desse texto, conta-se aqui-latar o alcance de sua interpretação da filosofia nietzschiana.

**Palavras-chave:** psicofisiologia – vontade de potência – convicções

"Todos nós sabemos, alguns até por experiência, o que é um animal de orelhas compridas", assegura Nietzsche em sua autobiografia. "Pois bem, ousou afirmar que tenho as orelhas mais curtas que existem" (Nietzsche 1, *Ecce homo*, "Por que escrevo livros tão bons", § 2). Buscando os que lhe são aparentados, ele está sempre à procura, no curso de sua obra, de quem julga ser o leitor ideal.

Em *Assim falava Zaratustra*, é de forma recorrente que Nietzsche manifesta a necessidade de escolher seus leitores e Zaratustra, a de eleger seus ouvintes. Já no prólogo, um introduz o assunto e escolhe a quem se dirigir; o outro define o que tem a dizer e elege os que podem ouvir. No decorrer do livro, um persevera em escrever para um leitor refinado; o outro insiste em falar para quem tiver ouvidos finos. É a maneira que encontram de selecionar os interlocutores. E, feita a seleção, autor e per-

\* Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

sonagem lançam o desafio: “Quem tiver ouvidos, ouça!” Agora compete ao leitor/ouvinte fazer jus à escolha; cabe ao público mostrar que tem ouvidos para Nietzsche/Zaratustra.

Ora, Jörg Salaquarda vem justamente investigar o que se esconde por trás do animal de orelhas compridas. Com isso, caracteriza, pelo avesso, o leitor tão almejado pelo filósofo. Em seu artigo “Zaratustra e o asno”, propõe-se a examinar o papel que o asno desempenha na Quarta Parte do livro. E, a partir daí, realiza um trabalho meticuloso.

Opondo-se aos comentadores que entendem ser “asno” o símbolo de “povo” e este o sinônimo de “plebe”, Salaquarda faz ver que tais identificações não encontram apoio nas três primeiras partes de *Assim falava Zaratustra*. E, se – de acordo com a interpretação unânime dos comentadores – os animais que aparecem na obra remetem a atitudes ou características humanas, por que não haveria de ocorrer o mesmo com “asno”? Se Nietzsche segue o uso metafórico mais sugestivo e comum das diversas espécies de animais, por que para “asno” estabeleceria um significado arbitrário?

Salaquarda não se contenta, porém, com argumentar. A partir do *Ecce homo*, mostra que o filósofo, seguindo o uso lingüístico convencional, emprega o termo “asno” para designar estupidez. Mas trata-se de uma estupidez específica: a falta de “*esprit*”. Ela manifesta-se sobretudo na aceitação impensada do mais óbvio; e, quando ocorre com frequência, firma-se numa atitude e acaba por converter-se em convicção.

É enquanto consolidação de uma perspectiva que a convicção se impõe. E ganha ainda mais força, ao fundar-se num juízo moral. Exercendo ação paralisante, constrange seu portador a abrir mão da busca, desistir da pesquisa, abandonar a investigação. “Asno” remete, pois, a convicções, a perspectivas consolidadas e não mais questionadas; “asno” refere-se a quem a elas se submete.

E Salaquarda identifica três tipos: os que rejeitam os impulsos da vida por julgá-los imorais; os que se deixam consumir entregando-se a um impulso dominante; os que buscam atingir a “verdade” a qualquer preço. Estes, empenhados em dissipar todas as perspectivas consolidadas, colocam-se por isso mesmo a serviço de uma convicção. São os filósofos da

*décadence* que ilustram de forma exemplar tal comportamento. Também eles se tornam *asnos*, quando se detêm diante de uma convicção; por ela subjugados, põem termo à própria investigação; restringem-se, em sua obra, a interpretar e fundamentar os limites que se impuseram. Não é por acaso, aliás, que Nietzsche afirma serem os filósofos “advogados que não querem ser assim chamados e, na maioria, defensores manhosos de seus preconceitos, que batizam de ‘verdades’” (Nietzsche I, *Para além de bem e mal*, § 5).

Empenhar-se na dissolução crítica de perspectivas que se consolidaram e deixaram de ser questionadas é um dos propósitos que o filósofo se coloca em seus escritos. E Salazar bem mostra que, neles, a psicologia do desmascaramento não se reduz a mero programa. Observando o particular e o específico, Nietzsche desmonta opiniões e comportamentos gerais. Perscrutando a singularidade das estimativas de valor, desmantela a moral una e universal. Com argúcia e perspicácia, destrói toda e qualquer convicção. Ao pôr em prática a psicologia do desmascaramento, parte desta regra básica: “Uma coisa que convence nem por isso é verdadeira: ela é meramente *convincente*. Observação para asno” (*id.*, *ibid.*, fragmento póstumo (256) 10 [150] do outono de 1887).

Portanto, se o animal de orelhas compridas designa quem se submete a convicções, quem é aquele que tem “as orelhas mais curtas que existem”? Certamente, não é quem está livre de qualquer espécie de perspectiva consolidada, pois, neste caso, ainda se acharia submetido a uma delas. Mas é quem se serve das várias formas do estar convicto e se coloca ao mesmo tempo acima de todas. Psicólogo das profundezas, Nietzsche dedica-se a desmascarar convicções; “antiasno *par excellente*”, empenha-se em não se tornar vítima de nenhuma.

Rico, o método de Salazar nasce da intersecção de três procedimentos. Para investigar o papel desempenhado pelo asno na Quarta Parte de *Assim falava Zaratustra*, ele repertoria todas as ocorrências do termo na obra do filósofo. Inscrevendo-as em seu contexto imediato, procede à análise de cada uma delas, para refazer a trama conceitual em que se acham inscritas. E, com vistas a aprofundar o seu exame, busca ainda inscrevê-las em seu contexto mais amplo, remetendo-as a dados históricos e biográficos.

Mas que não se engane o leitor! Por trás da aparente simplicidade do artigo de Salaquarda, por trás de seus objetivos à primeira vista modestos, esconde-se uma interpretação global da filosofia de Nietzsche.

Assim ele sustenta que o "asno" se refere a atitudes humanas que remetem a impulsos ou complexos de impulsos. E, ao estabelecer a convicção como seu significado básico, entende que ela é antes de mais nada a consolidação da perspectiva de um impulso ou de um complexo de impulsos. Julga que a sabedoria de Nietzsche, por ele mesmo tratada no primeiro capítulo do *Ecce homo*, consiste antes de mais nada no seu ser bem-constituído e, por conseguinte, em suas "precondições fisiológicas". E não hesita em afirmar que, nesse livro, o filósofo "deu expressão à mais extrema perspectiva que a organização unificadora 'Friedrich Nietzsche' pôde pela última vez impor ao agregar todos os impulsos que nela atuavam, antes de ela cessar de existir como organização" (Salaquarda 3, p. 186).

Razões bastantes para suspeitar que, no entender do intérprete, a psicologia do desmascaramento que o autor de *Zarathustra* põe em ação tem base psicofisiológica. E, quanto a este ponto, sem dúvida fundamental, estamos inteiramente de acordo com a interpretação de Salaquarda.

Em seus escritos, Nietzsche parece tratar dos processos básicos da vida, adotando, às vezes, o ponto de vista da fisiologia e, outras, o da psicologia. Mas a aparente oscilação que manifesta entre essas abordagens é uma tentativa calculada de pôr uma contra a outra, para enriquecê-las e ao mesmo tempo ultrapassá-las. Com isso, seu objetivo imediato é dar conta dos esclarecimentos que as duas perspectivas podem oferecer, sem permanecer sujeito às limitações que lhes são intrínsecas. Daí se depreende que a vida não consiste na existência de moléculas, cuja natureza se mostra nas estruturas anatômicas; tampouco na emergência e ação recíproca de sentimentos, concebidos segundo o modelo presente na consciência; e, menos ainda, na mera combinação dos dois registros. Ao contrário, a vida consiste em impulsos que interagem, fazendo surgir diversos complexos e assumindo várias formas de coordenação e conflito, organização e desintegração.

É por isso que Nietzsche não adota como ponto de partida exclusivo de suas investigações nem a vida considerada em termos fisiológicos nem a vida encarada do ponto de vista psicológico. Define como sua tarefa a “tentativa de entender os juízos morais enquanto sintomas e sinais de linguagens, em que se revelam processos de sucesso ou fracasso fisiológico, assim como a consciência das condições de sobrevivência e crescimento” (Nietzsche I, fragmento póstumo 2 (165) do outono de 1885-outono de 1886). E caracteriza o filósofo como “médico da civilização”, entendendo essa expressão como mais que uma simples metáfora.

Nos textos do último período da obra, Nietzsche insiste em auto-denominar-se psicólogo. Se confere à psicologia posição de destaque e chega até mesmo a encará-la como a mais importante de todas as ciências, é porque inova não só na maneira de conceber o seu objeto como na forma de abordá-lo. Ao psicólogo atribui a incumbência de questionar o valor dos valores, examinando as “condições e circunstâncias de seu nascimento, de seu desenvolvimento, de sua modificação”. Tanto é que, em *Para além de bem e mal*, escreve: “Toda a psicologia até o presente permaneceu prisioneira de pré-juízos e apreensões morais; ela não se arriscou nas profundezas. Considerá-la enquanto *morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência*, como eu a considero, é uma idéia que ainda não ocorreu a ninguém” (*id., ibid.*, § 23).

Por tratar de avaliar as avaliações, a psicologia tem de empenhar-se, justamente, em investigar a proveniência e as modificações dos valores enquanto sintomas de formas e transformações da vida; ela é, por isso mesmo, “*morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência*”. E, nessa medida, identifica-se com a genealogia. Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a perguntar se contribui para favorecê-la ou obstruí-la; submeter idéias ou atitudes ao exame genealógico é o mesmo que inquirir se são signos da plenitude da vida ou da sua degeneração; avaliar uma avaliação, enfim, significa questionar se é sintoma da vida ascendente ou declinante.

Importa notar, porém, que assim a análise psicológica acaba quase por confundir-se com a observação fisiológica. Ora, no entender do filósofo, entre físico e psíquico não existe traço distintivo fundamental;

por conseguinte, tampouco pode haver diferença significativa entre fisiologia e psicologia. Prova disso é que, no aforismo em que define o estudo psicológico como “*morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência*”, ora utiliza o termo “impulsos” (*Triebe*), ora emprega a palavra “afetos” (*Affekte*) para referir-se ao mesmo objeto. Mais ainda, no mesmo texto, escreve: “Uma fisiopsicologia propriamente dita tem de lutar contra resistências inconscientes no coração do pesquisador” (Nietzsche I, *Para além de bem e mal*, § 23).

Resistências dessa ordem parecem não existir no coração de Salaquarda. Tanto é que seu artigo “Zaratustra e o asno” poderia muito bem prestar-se como ilustração do aforismo 23 de *Para além de bem e mal*.

Ao tratar das convicções, Salaquarda distancia-se de uma linha interpretativa que remonta ao primeiro estudo de fôlego sobre *Assim falava Zaratustra*<sup>(1)</sup>. E, ao lidar com as perspectivas consolidadas, acaba por diagnosticar as que norteiam as interpretações dos autores com quem dialoga<sup>(2)</sup>. Porque tomaram o “asno” como o símbolo de “povo” e este como o sinônimo de “plebe”, foram levados a negligenciar a importância do papel que o “asno” desempenha em *Assim falava Zaratustra*. E assim se detiveram onde ainda seria necessário prosseguir.

No diálogo com os comentadores, Salaquarda aplica de modo exemplar a frase de Nietzsche: “As convicções são inimigas mais perigosas da verdade que as mentiras” (*id., ibid., Humano, demasiado humano*, § 483). Ao contrapor-se a toda uma tradição de intérpretes, persegue o intento nietzschiano de desmascarar as perspectivas que se consolidaram e deixaram de ser questionadas.

“Tens orelhas pequenas”, dirá Dioniso a Ariadne, “tens os meus ouvidos” (*id., ibid., Ditirambos de Dioniso, “Lamento de Ariadne”*). Discípulo do deus-filósofo, Nietzsche atribui a si mesmo as orelhas mais curtas que existem. Com isso, quer expulsar o asinino que habita a filosofia. Intérprete de Nietzsche, Salaquarda investiga o animal de orelhas compridas. E, com isso, quer expulsar o asinino que habita algumas interpretações da filosofia nietzschiana.

**Abstract:** It is attempted to introduce to the Brazilian public Jörg Salaquarda's work, exemplified by his article "Zarathustra and the ass". Through the examination of his article, it is aimed to evaluate the extent of his interpretation of Nietzsche's philosophy.

**Key-words:** psychophysiology – will to power – convictions

## Notas

- (1) *Trata-se do trabalho em quatro volumes de Gustav Naumann, publicado, entre 1899 e 1901, em Leipzig pela H. Haessel Verlag.*
- (2) *Entre eles, encontram-se Gustav Naumann, Otto Gramzow, Hans Weichelt, August Messer e M. Rauh.*

## Referências Bibliográficas

1. NIETZSCHE. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Edição de Colli e Montinari. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1967-78.
2. \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*, 2ª edição. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
3. SALAQUARDA, J. "Zarathustra e o asno". In: *Discurso*, nº 28. São Paulo, 1997.